

UMA EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA.

Diz textualmente o professor Germán Arciniegas no início do seu erudito estudo que antecede estas nossas notas que,

“Alberto Magnaghi en un trabajo presentado al XXII Congreso de Americanistas, consideró como falsificaciones totales las cartas de Vespucci al ganfaloniero Piero Soderini, y la Mundus Novus, en que se afirma la gloria de Vespucci. Consecuente con esta hipótesis de trabajo, Magnaghi negó el primero y el cuarto viaje del florentino. Hay mil razones para no aceptar como tesis probada esta especulación — en manera alguna demostrada — que haria inexplicable toda la vida de Vespucci e insolubles los problemas fundamentales de la historia de America y de la politica de España. Sin embargo, el argumento, por nuevo, cautivó a escritores como el norteamericano Frederick Pohl, al brasileiro Thomaz Oscar Marcondes de Souza y al professor de geografia italiano Giuseppe Caraci quienes han seguido fielmente, como cosa probada, lo que no era sino un globo de ensayo”.

Há de convir o ilustre professor Arciniegas que, citados como somos nominalmente, estejamos na obrigação de defender o nosso ponto de vista tratando-se da suposta viagem de Vespucci ao Novo Mundo em 1497-1498, embora sejamos também um entusiástico vespuccista.

*

As cartas de Vespucci existentes por cópia nos códices florentinos, notadamente no *Riccardiano* 1910, são as únicas que, à semelhança de Peschel, D’Avezac e Magnaghi, reputamos autênticas. A que de Sevilha, em 18 ou 28 de julho de 1500, enviou o florentino ao seu amigo e patrão Lorenzo Di Pier Francesco dei Medici, narrando a sua viagem ao Novo Mundo em 1499, começa com a seguinte frase:

“Faz bastante tempo que não tenho escrito a Vossa Magnificência; isso aconteceu por não haver ocorrido coisa alguma digna de memória”.

Oscar Peschel (1), comentando essa passagem da carta, diz que é lógico concluir-se que, se Vespucci tivesse realizado qualquer viagem anteriormente à de 1499, êle teria disso informado o Medici e, “ipso facto”, não teria começado a carta do modo como começou.

Como se vê, o argumento de Peschel é convincente, mas nós, citando-o, não pretendemos fugir à discussão que diz com a suposta viagem de Vespucci em 1497-1498. Ao contrário, vamos debater o assunto.

Louvando-se na *Lettera*, que já evidenciamos ser um documento forjado, uma verdadeira “colcha de retalhos”, Varnhagen, Harris-se, Fiske, Vignaud e outros historiadores, afirmam que Vespucci entre 10 de maio de 1497 e 15 de outubro de 1498, realizou uma viagem ao Novo Mundo durante a qual descobriu os golfos de Honduras, Campeche, México e as penínsulas de Yucatan e Flórida, pertencendo-lhe, portanto, a prioridade do descobrimento da terra firme da América.

Acontece, porém, que até hoje não foi encontrado nos arquivos espanhóis qualquer documento que faça alusão a essa viagem, e nem tão pouco os cronistas espanhóis daquela época a ela fazem a menor referência. Isso se explica, diz Vignaud (2), porque “essa primeira viagem de Vespucci foi uma das expedições clandestinas como as muitas que então se realizaram”. Mas êsse argumento não procede porque, como diz a *Lettera* no exórdio, a expedição foi

“a mando do rei de Castela D. Fernando VI”, e ao descrever o início dessa viagem diz... “porque o rei D. Fernando de Castela tendo de mandar quatro navios para descobrir novas terras no ocidente, fui escolhido por Sua Alteza para ir nessa frota a fim de ajudar a descobrir”.

Outro argumento a que recorre Vignaud para justificar o silêncio que, dessa viagem do Florentino, guardam os arquivos e os historiadores espanhóis, é que

“a primeira viagem de Vespucci não tendo sido seguida de nenhuma outra na mesma região, esqueceram as descobertas que êle tinha feito, as quais não foram nem verificadas, nem confirmadas por nenhuma tomada de posse” (3).

De modo que, para Vignaud, apenas decorridos poucos anos após a referida viagem de Vespucci, esqueceram completamente o ram que só em 1502-1503 é que Colombo tocou no cabo Hondu-

(1). — *Geschichte der Erdkunde*, München, 1865, página 309.

(2). — *Americ Vespuce, sa biographie, sa vie, ses voyages*, etc. Paris, 1917, página 170.

(3). — *Obra citada*, página 134.

seu brilhante feito, e os documentos daquela época apenas registram que batizou com o nome de Punta Caxinas, fundeou na baía de Trujillo de onde rumou para o sul percorrendo as costas de Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Veragua, Panamá e o gôlfo de Darien, de onde em maio de 1503 voltou para Cuba; que só em 1512 é que Juan Ponce de Leon descobriu a Flórida.

As viagens livres e clandestinas para o Ocidente, interessando umas e outras o governo espanhol, foram autorizadas pela *cédula* de 10 de abril de 1495, sob certas condições, entre as quais a de partirem tôdas do pôrto de Cádiz, para facilitar os respectivos registros. Mas a 23 de abril de 1497, a referida *cédula* de 1495 era revogada e os privilégios de Colombo, a que se refere a *capitulación* de 17 de abril de 1492, eram renovados (4).

Como a *Lettera* diz que Vespucci partiu para essa suposta viagem a 10 de maio de 1497, segue-se que ela teve início quando Colombo já estava novamente em pleno gôzo de seus privilégios. Embora só a 2 de junho de 1497 tenha sido revogada a “licença geral para descobrir”, não é admissível que Colombo, que se achava na Espanha (desde junho de 1496 a 30 de maio de 1498), ao ter conhecimento do aprestamento dessa expedição destinada a uma região sob sua jurisdição não fizesse valer os seus privilégios; não é crível que estando no apogeu de sua glória, tentassem menosprezar os seus direitos.

No famoso processo conhecido por *Pleitos de Colón*, em que o governo espanhol procurou anular os privilégios hereditários dos descendentes do Almirante, ficou evidenciado pertencer-lhe a prioridade do descobrimento da terra firme do Novo Mundo em 1498. Nesse processo onde depuseram mais de 100 testemunhas, apesar de tudo ter diligenciado o Fiscal para prejudicar os herdeiros de Colombo, ninguém se apresentou a disputar-lhe tal primazia. Hojeda, em 8 de fevereiro de 1513, respondendo à 5a. pergunta do Fiscal, declarou ter sido o primeiro navegante, *após o Almirante*, que descobriu a terra firme;

“el primero hombre que vino à descubrir *despues que el Amirante*, e descubrió al mediodía la tierra firme” (5).

Caso qualquer outro navegante tivesse descoberto alguma porção de terra firme, anteriormente a Colombo, se de fato Vespucci tivesse realizado a viagem de 1497 como narra a *Lettera*, não é possível que, em hipótese alguma, Hojeda, que era inimigo ranco-

(4). — Navarrete (Martin Fernandez de), *Collección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los Españoles desde fines del siglo XV*. Editorial Guaranía, Buenos Aires, 1945, volume II, páginas 225 a 229.

(5). — Navarrete, *obra citada*, volume II, página 528.

roso de Colombo, fôsse guardar sigilo sôbre tal acontecimento ao prestar o seu referido depoimento ao Fiscal. Recordemos que Hojeda devia estar a par dessa viagem de Vespucci, se de fato êle a realizou, pois o teve como companheiro, em parte, na expedição de 1499.

Diz Vignaud (6) que nos *Pleitos de Colón* apenas se discutia a prioridade da descoberta da “Costa das Pérolas” realizada por Colombo em 1498, e não de Honduras e da região do noroeste, descobertas de Vespucci em 1497, razão pela qual nenhuma testemunha podia ter feito referência a essa viagem do Florentino. Há manifesto equívoco da parte dêsse erudito americanista. Nesse processo não ficaram absolutamente restringidas à questão de Pária, as perguntas feitas às testemunhas pelo Fiscal. Na sexta pergunta o Fiscal tratou da descoberta da província de Darien, na sétima e oitava da foz do Amazonas e do cabo de Santo Agostinho; na nona e décima de Veragua; na décima nona e vigésima da ilha Espanhola, etc. Por sua vez, nas *Probanzas del Almirante*, perguntas foram feitas às testemunhas sôbre tôdas as descobertas de Colombo, inclusive Pária, Darien e Veragua (7). Será admissível que tendo o Fiscal feito perguntas às testemunhas sôbre as viagens de Cristóbal Guerra, Pedro Alonso Niño, Juan de la Cosa, Alonso de Hojeda, Rodrigo de La Bastidas, Vicente Yañez Pinzon, Diogo de Lepe e outros, se tivesse esquecido de Vespucci e da sua importantíssima viagem de 1497, caso de fato êle a tivesse realizado?

Varnhagen (8), visando defender a todo o transe a autenticidade da viagem de 1497, procura identificá-la com a que refere a carta que, de Burgos, em 23 de dezembro de 1506, o veneziano Girolamo Vianello, capitão a serviço da Espanha, escreveu à Senhoria de Veneza. Esta carta narra uma viagem realizada naquela época por Juan de la Cosa e Vespucci, em direção ao poente e a 800 léguas da ilha Espanhola. Diz a carta em aprego:

“*El vene qui do navilli de la India, de la portione del re mio signor, li qual furono a discoprir, patron Zuan biscaino et Almerigo fiorentino, li qual sonno passali per ponenti et garbino lige 800 di là de la insula Spagnola*”... (9).

Isto é: “acabam de chegar dois navios pertencentes ao rei meu senhor que foram realizar descobertas na Índia. Eram patrões João

(6). — *Obra citada*, página 133.

(7). — Navarrete, *obra citada*, volume III, páginas 529 e 530, 539, 541, 553 e 554, 557, 562 e 573.

(8). — Varnhagen (Francisco Adolpho), *Amerigo Vespucci, son caractère, ses écrits même les moins authentiques, sa vie e ses navigations, avec carte indiquant les routes*. Lima, 1865, página 185.

(9). — *Raccolta di documenti e studi pubblicati dal R. Commissione Colombiana*, etc. Roma, 1892-1896, parte III, volume II, páginas 185 a 187.

Biscainho e Amerigo Florentino, os quais navegaram a oeste-sudoeste 800 léguas além da ilha Espanhola”. . . Nessa viagem Vespucci não podia ter tomado parte porque, de vários documentos existentes nos arquivos espanhóis e datados de 1505 e 1506, consta que êle se achava na Espanha até 23 de agosto de 1506 (10). Esclarece Humboldt (11) que Vianello deve ter-se equívocado, pois ouvindo de Juan de la Cosa a narração de várias de suas viagens percorrendo terra firme, entre elas a de 1504-1506, teria confundido esta com a realizada em companhia de Hojeda em 1499-1500 e da qual participou em parte Vespucci. De modo que tratando-se da viagem de 1504-1506, o nome de Vespucci por um erro de memória, foi associado ao de Juan de la Cosa. Porém Varnhagen é de opinião que a data da carta de Vianello está errada, que em vez de 1506 deve ler-se 1498, isto é, o erro abrange nada menos que três algarismos! Mas segundo provou Humboldt (12), Juan de la Cosa não realizou nenhuma viagem no período de 1497 a 1498, portanto não podia ter sido o companheiro de Vespucci na suposta viagem de 1497-1498.

Tratando-se da carta de Vianello, escreveu Uzielli (13) que, para resolver a questão referente à data da mesma bastava ir a Veneza e examinar o manuscrito. Porém os críticos, e aqui vai uma alusão a Varnhagen, preferiram discutir comodamente essa questão em seus gabinetes, até que em 1881 foi publicada a parte do texto dos “Diários de Marino Sanuto” que continha a carta de Vianello, ficando evidenciado ser ela datada de 1506.

Um dos mais fortes argumentos para negar ter Vespucci realizado a viagem de 1497, é o seguinte álibi referido por Humboldt (14): Vespucci desde a metade do mês de abril de 1497, até o fim de maio de 1498, estava na Andaluzia ocupado com o aprestamento da terceira viagem de Colombo. Munhoz encontrou em realidade nos *Livros de gastos de armadas* conservados nos arquivos da *Casa de contratación de Sevilla*, documentos autênticos provando que Vespucci, a partir de dezembro de 1495, esteve à testa da Casa Berardi, de Sevilla, encarregado de armar expedições ultramarinas: o tesoureiro Pinelo, em data de 12 de janeiro de 1496, fêz-lhe um pagamento de 10.000 maravedis, e Vespucci continuou com tal encargo em Sevilla e San Lúcar, desde a metade de abril de 1497 até a partida de Colombo para a sua terceira viagem em

(10). — Navarrete, obra citada, volume III, páginas 292 a 294.

(11). — *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent*, etc. Paris, 1836-1839, volume V, página 166.

(12). — Obra citada, volume V, página 163.

(13). — *Atti del Terzo Congresso Geografico Italiano*, Firenze, 1899, volume II, página 469.

(14). — Obra citada, volume IV, página 273.

30 de maio de 1498. Diz Navarrete (15), referindo-se a êsse fato que, tendo falecido Berardi em dezembro de 1495,

“Vespuche se encargó de tener la cuenta con los... Maestres... del frete y sueldo que habiesen de haber, segun el asiento que el dicho Juanoto fizo con ellos y del mantenimiento, etc. Para lo cual recibió... Amerigo de Pinelo 10.000 mars. em 12 de Enero de 1496”. Siguió Vespucio disponiendo todas las cosas hasta despachar la armada em Sanlucar”.

Acrescenta Navarrete em nota no rodapé da citada página:

“Hallanse estas noticias en el lib. 2.º de los gastos de las armadas de las Indias que existe en la contratacion de Sevilla, de onde o extractó Munhoz”.

À vista do exposto, Vespucci não podia ter realizado a viagem de 10 de maio de 1497 a 15 de outubro de 1498, a que se refere a *Lettera*.

Henry Harrisse (16) contesta o álibi, mas sem ter-se dado ao trabalho de ir a Sevilha para examinar os *Libros de los gastos de armadas*, e assim provar de quem é o equívoco: se de Munhoz, Navarrete e Humboldt, ou dos que, como êle, sustentam que o Florentino realizou a viagem de 1497.

Um dos argumentos a que recorre Harrisse (17) para justificar ter Vespucci realizado a viagem em apreço é o seguinte:

“As 68 cartas endereçadas a Amerigo Vespucci, que nós extraímos do “Carteggio” dos Medici em 1868, e escritas de 1488 até novembro de 1491, enquanto êle ainda residia na Itália, mostram-no como tendo-se dedicado unicamente a assuntos comerciais. Um documento recentemente trazido à luz, e datado de 30 de dezembro de 1492, está assinado: “Amerigho Vespucci, merchant fiorentino in Sybilia”, bem como o recibo de 12 de janeiro de 1496, mostra ocupações da mesma espécie. Mas quando é feita novamente referência à sua pessoa em se tratando da viagem transatlântica de Alonso de Hojeda, o qual levantou ferros de Cádiz a 16 de maio de 1499, aí o próprio comandante em chefe da esquadra fala dêle não como mercador ou feitor por parte do armador, mas sim como piloto profissional: “Juan de la Cosa, piloto, é Merigo Vespuche e outros pilotos”. E dessa época em diante êle aparece unicamente como navegador ou comandante de expedições marítimas, terminando por ser nomeado em 22 de março de 1508, “Piloto Mayor” de Espanha. Não é muito provável que Vespucci tenha passado de uma feita, do escritório de Berardi para a nau capitânea de Hojeda, como piloto. Certamente êle devia ter adquirido experiência náu-

(15). — *Obra citada*, volume III, página 317.

(16). — *The Discovery of North America*, Paris, 1802, páginas 354 e 362.

(17). — *Obra citada*, página 356.

tica antes de receber tal missão em uma frota, que velejando com a bandeira real, era enviada através do Atlântico para descobrir novas terras. Esta dedução nos leva a crer que entre 1496 a 1499, Vespucci levou uma vida errante no mar, e, portanto, é possível que tenha navegado de maio de 1497 a outubro de 1498, que é o tempo declarado por êle (na *Lettera*) como tendo percorrido de costa 870 léguas de uma região continental em direção noroeste”.

Com essa lógica HARRISSE ver-se-ia embarçado se tivesse de explicar onde teria Vespucci aprendido a navegar quando, partindo como diz a *Lettera*, para a viagem de 1497, ia *ajudar a descobrir*, missão esta muito mais importante que a de piloto na frota de Hojeda.

Não são sólidos, pois, êsses argumentos de HARRISSE, porque é impossível apurar-se com segurança, à semelhança do que ocorre com famosos navegantes, tais como Colombo, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e outros, onde, em que época e como, o Florentino aprendeu a navegar. O que sabemos é que êle percorreu uma vasta extensão do litoral leste da América do Sul.

Magnaghi (18), analisando meticulosamente a descrição que da viagem de 1497 faz a *Lettera*, prova sobejamente as inúmeras incoerências que ela contém, principalmente as de ordem geográfica.

A título de exemplo, citamos algumas delas. As referências quanto à latitude, longitude, distâncias e direção da navegação, são tôdas erradas, o que não se coaduna com a capacidade cosmográfica de Vespucci. Há erro de latitude de 10 graus, o que em absoluto não se pode atribuir ao Florentino que era perito em calcular as alturas (19), tanto assim que indicou para o cabo de Santo Agostinho a latitude certa de 8 graus sul (20). Contém a *Lettera* uma prolixa descrição dos usos e costumes dos habitantes de Honduras, Yucatan e gôlfo de Campeche, apontando-os como selvagens canibais, quando na realidade pertenciam êles à raça civilizada dos maias. Se a expedição realizou o périplo do Yucatan e da Flórida, é de se estranhar que a *Lettera* não faça a menor alusão à existência dessas importantes penínsulas. Tendo a frota, na qual ia Vespucci, navegado sempre bem próxima do litoral da enorme extensão de terra que percorreu, os seus tripulantes deviam forçosamente ter avistado as embocaduras dos rios Grande, Colorado, Mississippi, Alabama e Apalachicola, mas disso não nos dá notícia a *Lettera*.

(18). — Magnaghi (Alberto), *Amerigo Vespucci, studio critico*, etc. Roma, 1924, volume II páginas 65 a 105.

(19). — Pedro Martyr de Angleria, *De Orbe Novo (Décadas del Nuevo Mondo)*. Buenos Aires, 1944, década III, livro V, capítulo I.

(20). — Navarrete, *obra citada*, volume III, páginas 319 a 320.

O próprio HARRISSE (21) que defende com calor a autenticidade da viagem de Vespucci, ora em estudo, confessa-se embaraçado ao procurar explicar o verdadeiro percurso realizado pelo Florentino dizendo:

“A narrativa nos diz que as 870 léguas foram navegadas ao longo da costa, sempre à vista da terra: *“nauigamo allungo della costa sempre a vista della terra, tanto che correndo dessa 870 leghe tutta via verso el maestrale”*. Se isso aconteceu, em qualquer das hipóteses, não devia existir o grande intervalo que aparece nos mapas de Cantino, Cavério, Ruysch e Schöner a oeste do golfo de Venezuela ou Maracaibo. A costa continuaria em direção oeste além de Darien, Panamá, e depois em direção norte costeando Honduras, Yucatan e o golfo do México”. “A configuração dessa parte nos mapas luso-germanos (com exceção dos de Stobnicza e Waldseemüller) não está portanto de acôrdo com os dados fornecidos pela primeira viagem de Vespucci”.

Mas, convém aqui assinalar que o globo de Stobnicza e o mapa de Waldseemüller, a que se refere HARRISSE e que assinalam terras além do golfo de Maracaibo, foram confeccionados respectivamente em 1512 e 1513, quando o litoral quase todo da América Central e da Flórida, já tinha sido explorado por Colombo e seus continuadores, tais como Pinzon, Solis, Nicuesa, Juan de la Cosa, Ponce de Leon e outros.

Ao que recorrem, porém, com mais insistência os que tentam sustentar a autenticidade da viagem, é à cartografia americana vestustíssima e, em particular, ao planisfério de Cantino onde, a noroeste da ilha *Isabella*, existe desenhado um pedaço de terra em forma de península que identificam com a da Flórida, cuja descoberta atribuem a Vespucci em 1497.

HARRISSE é o mais ardoroso defensor dessa proposição, e sustenta que Vespucci colaborou na confecção do mapa de Cantino, fornecendo ao cartógrafo os dados relativos à sua viagem de 1497, que figuram nesse planisfério.

Diz textualmente êsse erudito americanista (22):

“O mapa de Cantino foi feito em Lisboa, e antes de outubro de 1502. Amerigo Vespucci residiu nessa cidade de agosto de 1498 até maio de 1499; de setembro de 1500 até maio de 1501 e também setembro de 1502. Ele era *cartógrafo famoso*, e como já vimos atrás, acompanhou Alonso de Hojeda na expedição que pela primeira vez levantou topograficamente a região a oeste de Pária. Finalmente,

(21). — *Obra citada*, páginas 358 a 359.

(22). — *Obra citada*, páginas 333 a 334.

possuímos o testemunho direto de Pedro Martyr d'Angle-
ria, o qual afirma que existia um mapa dos descobrimen-
tos portugueses, no qual dizia-se ter Amerigo Vespucci
pôsto a mão... "*muitos pergaminhos que os marinheiros
chamam cartas de marear, uma das quais haviam dese-
nhado os portugueses, na qual dizem que pôs a mão Ame-
rigo Vespucci, florentino, homem perito em essa arte*"...
(23).

"Isto foi escrito antes de decorridos três meses após
a morte de Vespucci. Não devemos esquecer que Pedro
Martyr o conheceu pessoal e oficialmente por longos anos".

"Será que todos êsses fatos não nos autorizam a acre-
ditar que o famoso Florentino forneceu os informes, direta
ou indiretamente, para a secção em questão do mapa de
Cantino, o qual, podemos dizer ter sido baseado, com re-
ferência a êsses fatos, em dados de Vespucci"?

O tópico citado por Harris, de Pedro Martyr, apenas serve
para evidenciar que Vespucci era um hábil cartógrafo, no que não
pomos a menor dúvida. Mas é preciso frisar que o mapa no qual
diziam ter o Florentino pôsto a mão, achava-se na cidade de Bur-
gos, na Espanha, como informa o próprio Pedro Martyr (24), não
podendo ser o de Cantino que, de Lisboa, foi enviado para a Itália,
a Hercule D'Este, duque de Ferrara.

Admitamos, porém, só para argumentar, que Vespucci tenha
colaborado na confecção do mapa de Cantino. Neste caso, à se-
melhança do que ocorreu com a descoberta da Terra Nova por
Gaspar Côrte Real, com as Antilhas por Colombo, devia também
existir uma legenda junto à suposta Flórida dêsse planisfério, atri-
buindo a sua descoberta a Vespucci e seus companheiros de nave-
gação. Mas, como sabemos, tal inscrição não existe. Por que a via-
gem do Florentino de 1497-1498 não é assinalada no mapa de
Juan de la Cosa, seu companheiro em parte, da expedição espanhola
de 1499-1500? Podemos admitir que Vespucci tenha propositadamen-
te ocultado ao cartógrafo biscaino a referida viagem, para mais tar-
de dela dar conhecimento ao desenhista do planisfério de Can-
tino? Então como se explica não assinalar êste mapa nenhuma ter-
ra daquelas que, segundo a *Lettera*, teria Vespucci percorrido em
1497-1498, tais como o golfo de Honduras, a península de Yucatan,
os golfos de Campeche e do México, etc.? Se Vespucci colaborou
na confecção do mapa de Cantino, por que o litoral brasileiro por
êle percorrido duas vêzes, está irregularmente desenhado, sendo
que ao sul do trópico de Capricórnio projeta-se erradamente para
este?

(23). — *Obra citada*, década II, livro X, página 41.

(24). — *Obra citada*, década II, livro X, capítulo I, página 189.

Em 1924 o erudito geógrafo e historiador norte-americano George E. Nunn, publicou um valioso e elucidativo trabalho (25) sôbre a terra em forma de península, que se vê no mapa de Cantino a noroeste de uma ilha em forma de cogumelo, denominada *Isabella*, estudo êsse que evidencia laborarem em grave êrro os que como Varnhagen, Harrisse, Vignaud e outros, sustentam que Vespucci realizou a viagem de 1497, na qual descobriu entre outras regiões, a península da Flórida.

Diz George E. Nunn (26) o seguinte:

“O formato da terra (suposta Flórida do mapa de Cantino) parece derivar das descrições dos litorais descobertos por Colombo na sua segunda viagem. Na “Informacion y Testimonio” de Fernando Peres de Luna, na parte referente ao juramento dos pilotos e demais tripulantes, de que Cuba era continente, há uma passagem que parece ser a origem do aparecimento do contorno encontrado no mapa de Cantino, a qual diz” (27):

“En la carabela Niña, que ha por nombre Santa Clara, jueves doces dias del mes Junio, año del Nacimiento de nuestro Señor Jesucrito de mil é quatrocientos é noventa é quatro años, el muy magnifico Señor D. Cristobal Colon, Almirante mayor del mar Océano, Visourey é Governador perpetuo de la isla de San Salvador, é de todas las otras islas é tierra-firme de las Indias descubiertas é por descubrir por el Rey e por la Reina nuestros Señores, é su Capitan general de la mar, requirió á mi Fernand Perez de Luna Escribano público del número de la Cibdad Isabela (28), por parte de sus Altezas, que por quanto el habia partido de la dicha cibdad Isabela com tres carabelas por venir á descubrir la tierra-firme de las Indias puesto que ya tenia descubierto parte della el otro viage que acá primero habia hecho el año passado del Señor de mil é quatrocientos é noventa é tres años, y no habia podido saber lo cierto dello: porque puesto que andoviese mucho por ella non habia fallado personas en la costa de la mar que le supiesen dar cierta relacion dello, porque eran todos gente desnuda que no tiene bienes propios, ni tratan, ni van fuera de suas casas, ni otros vienen á ellos, segund dellos mismo supo, y por esto no declaró afirmativo que fuese la tierra-firme salvo que lo pronunció dubitativo, y la habia puesto nombre *La Juana*, á memória del Principe D. Juan nuestro Señor, y agora partió de la dicha Cibdad Isabela á veinte y quatro dias del mes de Abril é vino á desmandar la tierra de la dicha *Juana* mas propinca de la isla Isabela (29), la qual

(25). — *The Geographical Conceptions of Columbus*, New York, 1924, páginas 91 a 141.

(26). — *Obra citada*, páginas 108 a 115.

(27). — Navarrete, *obra citada*, volume II, páginas 171 a 172.

(28). — Localidade situada na costa norte da ilha Haiti.

(29). — A quarta ilha descoberta por Colombo na sua primeira viagem, uma das Lucáias.

es fecha como un giron que va de Oriente á Occidente, y la punta está de la parte Oriente propinca á la Isabela viene é dos leguas...”.

“Esta declaração deve ser estudada em conjunto com outras que também relatam a primeira viagem. Com referência á terra descoberta, Colombo disse” (30):

“Quando yo llegué á la Juana segui la costa della á poniente, y la fallé tan grande que ensé que seria tierra firme la provincia de Catayo; y como no fallé asi villas y lugares en la costa de la mar, salvo pequeñas poblaciones, con la gente de las cuales non podia haber fablas, porque llego fuián todas, andava yo adeante por el dicho camino, pensando de non errar grandes ciudades é villas; y al cabo de muchas leguas, visto que non habia innovacion, y que la costa me levava al setentrion”...

“Além disso Martin Alonso Pinzón comunicou (31) a Colombo em 30 de outubro de 1492, que êle acreditava que a terra era continental seguindo em direção ao norte e que era muito grande (“y que toda aquella tierra era tierra firme, pues, iba tanto al Norte y era tan grande”). De acordo com Las Casas, Colombo determinou a latitude como sendo 42 graus norte. Todavia, Las Casas duvida muito dessa posição, e com razão, pois deve ela ser 21 graus de latitude norte (32). A diferença pode, entretanto, ser perfeitamente explicada, quando Navarrete (33) nos informa que tal aconteceu por serem os quadrantes da época divididos em meios graus. (“Los cuadrantes de aquel tiempo median la doble altura; y por consiguiente los 42° que dice distaba de la equinocial hácia el N. deben reducirse a 21° de latitude N.”). De qualquer modo, parece-nos que tal informação errônea de latitude, deve ter influído bastante no desenho do mapa de Cantino”.

“Vamos agora examinar os dados que possuímos. Julgava-se que existia um continente, chamado Juana por Colombo. Tal continente, até onde se conseguiu apurar, tinha a forma triangular. A costa sul corria para o norte. A distância da costa leste até a ilha *Isabella* era de 22 léguas. A ilha Espanhola não foi mencionada na “Informacion y Testemonio” de Fernando Peres de Luna, em conexão com a posição da terra triangular”.

“Examinando o mapa de Cantino, vemos que tais dados foram evidentemente incluídos nele: a costa da terra a noroeste tem a forma de um triângulo, e a ilha *Isabella* está colocada a leste entre a terra e a Espanhola. Cuba não aparece: mas no mapa de Waldseemüller de 1516 o qual, a julgar pela forma e nomenclatura, seguiu a mesma fonte do de Cantino, nós encontramos na terra triangular a legenda: “*Terra de Cuba Asie Partis*” (34). Aqui temos o

(30). — Navarrete, obra citada, volume I, página 298.

(31). — Las Casas (Bartolomeo), *Historia de las Indias*, Madri, 1875, volume I, página 322.

(32). — Las Casas, obra citada, volume I, páginas 324 a 338.

(33). — Obra citada, volume I, página 188.

(34). — O globo do cosmógrafo Schöner de 1520, reproduz o trecho em estudo do mapa de Cantino (suposta Flórida) inscrevendo nele a palavra: Cuba.

indício que nos revela este mistério, que é um embaraço para Harrisse. Colombo e seus companheiros foram, inconscientemente os causadores do erro, apesar de que nunca poderiam de modo imaginário representar a geografia do Novo Mundo como o fez Cantino. Em resumo, o erro foi devido à interpretação dada às descrições de Colombo pelos cartógrafos, que não tinham estado na terra para verificar “de visu”, e que tentaram harmonizar as informações discordantes da melhor maneira possível”.

“Agora se pesquisarmos mais alguns fatos, verificaremos no mapa de Cavério, o qual muito provavelmente foi feito logo depois do de Cantino, que na terra de forma triangular em direção a oeste correspondente ao ponto mais distante da costa sul de Cuba, percorrido por Colombo na sua segunda viagem, a terra voltaia na direção sul e um delta com três aberturas aparece aí como um caso estranho e notável da costa. Com relação a estes fatos, Pedro Martyr afirma na sua narração da quarta viagem de Colombo, “que dentro de uma distância de oito léguas ele descobriu três rios de água claríssima, nas margens dos quais cresciam caniços da grossura da perna de um homem”. O delta de Cavério, conforme Varnhagen (35), é a foz do Mississipi. Mas se é realmente a do Mississipi, ela aparece de modo estranho a oeste, em lugar do lado norte da costa do golfo. Se, entretanto essa terra representa Cuba, a qual Colombo acreditou que fôsse terra da Ásia (como a configuração do globo de Behaim e do mapa de Martellus), então tudo se torna mais simples e claro. Como já vimos nos estudos anteriores a costa do norte de Cuba corresponderia à costa oeste de Cathay; a costa sul seria a costa sul de Mangi; e em direção a oeste, a terra deveria, teoricamente, voltar-se para o sul; a terra a oeste seria Ciamba. O fato da costa dirigir-se ao sul foi aceito no verão de 1494 como prova de que Cuba era uma parte do continente asiático (36). A quarta viagem de Colombo foi baseada na mesma teoria”.

Após ter feito um estudo o mais minucioso possível da nomenclatura da terra a noroeste da ilha *Isabella* do mapa de Cantino, provando que ela provém quase toda do resultado da primeira e segunda viagens de Colombo, assim conclui George E. Nunn:

“Resta-nos discutir a razão do grande intervalo no mapa de Cantino entre a ilha Española e o “C do fim de abril” (da terra em estudo), o qual foi preenchido pela inserção da ilha *Isabella*”.

“Tudo que necessitamos aqui será fazer um breve sumário, visto que todas as concepções geográficas de importância já foram discutidas detalhadamente em estudos anteriores. Ptolomeu fez o mundo conhecido estender-se aproximadamente 180 graus de oeste a leste, Ma-

(35). — *Obra citada*, página 30.

(36). — *Navarrete, obra citada*, volume II, páginas 171 a 178.

rinus de Tiro, fêz esta área estender-se até 225 graus. Colombo acreditou, como Marinus de Tiro, que a terra, do cabo de São Vicente em Portugal até Cattigara, o limite leste do mundo conhecido, cobria 225 graus de longitude. O trabalho dos cartógrafos medievais acrescentou ao mundo, conforme era conhecido dos antigos, aproximadamente 60 graus: — então 285 graus era a estimativa antes da viagem de 1492. De acôrdo com o cálculo de Colombo, contando de oeste a leste, devia haver 285 graus do primeiro meridiano ao ponto extremo da Ásia (o “cabo do fim de abril”, ou o cabo Alpha e Ómega), o que deixaria 75 graus dêsse ponto de partida em direção oeste até o continente asiático. O fim oeste da ilha Española era usualmente colocado entre 50 e 60 graus oeste do primeiro meridiano. Como consequência, o extremo leste de Cuba estando imediatamente oposto ao oeste de Española, estaria entre 15 e 60 graus muito distante em direção leste para representar o leste da Ásia de acôrdo com tais cálculos. Quando, portanto, um cartógrafo desenhasse um mapa do mundo inteiro, o continente asiático teria de ser colocado, de acôrdo com a terra aí existente, a uma grande distância através do Atlântico. O que se segue foi ter sido a teoria de Colombo usada para o traçado do mapa através do Atlântico em direção oeste: ao passo que a teoria de Ptolomeu foi adotada para delinear o mundo leste da costa oeste de Europa. Este processo é evidente no globo de Behaim, no mapa de Waldseemüller de 1507, e outros mapas que mostram a distância de 180 graus do cabo de São Vicente até o lado leste do Sinus Magnus. Realmente, são vários os mapas do princípio do século XVI que representam distintamente ambas as teorias. O mapa de Waldseemüller de 1507 é um dos primeiros exemplares do mundo inteiro desenhado de tal modo a aproveitar as duas teorias. O mapa de Johan Ruysch (1508) adota as estimativas de Colombo como base, o que Waldseemüller não fêz inteiramente. Outros cartógrafos, trabalhando entre 1492 e 1507, evitaram essa dificuldade não representando o mundo. La Cosa, por exemplo, omite o espaço, mais ou menos de 140 graus, entre Calicut, na Índia, e um ponto oeste de Cuba. Aparentemente, foi a dificuldade em reconciliar as teorias geográficas de Colombo e Ptolomeu, que levou Pedro Martyr (37) a dizer: “Não é sem razão que os cosmógrafos deixaram interminados os limites da Índia do Ganges, e não falta quem acredite que as costas da Índia não distam muito das praias espanholas”.

“E’ evidente, portanto, que o argumento de Harris, de que a terra continental do mapa de Cantino não pode ser a costa leste da Ásia, porquanto ela já está representada, é insustentável”.

Resumindo, diz George E. Nunn:

(37). — *Obra citada*, década I, livro III, capítulo III.

“A terra a noroeste da ilha *Isabella* (do mapa de Cantino) não é a Flórida. Esta terra foi desenhada na crença de que era o continente asiático. As idéias, então correntes, sôbree o leste da Ásia, conforme podemos observar no globo de Behaim e no mapa de Henricus Martellus Germanus, foram adotadas, apesar de que o gôlfo foi colocado um pouco mais ao norte do que devia ser. Já demonstramos como isso viria comprometer as descobertas de Colombo e Caboto. As terras realmente exploradas e denominadas com a impressão de serem o leste da Ásia foram: Cuba descoberta por Colombo; e a costa nordeste da América do Norte, descoberta e explorada por João Caboto e os Côrtes Reais”.

“O cartógrafo ao tentar resumir um conjunto de dados confusos — teóricos, documentados, cartográficos e orais — produziu aquilo, conhecido por mapa de Cantino”.

O estudo erudito que, em parte transcrevemos, da autoria do citado geógrafo norte-americano, é por assim dizer o tiro de misericórdia nessa questão que diz respeito à descoberta da Flórida por Vespucci, na sua suposta viagem de 1497; por sua vez reduz às suas naturais proporções a exagerada importância que certos historiadores, notadamente os portugueses, emprestam ao planisfério de Cantino.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo e da
Société des Américanistes de Paris.